

A ILLUSTRACÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

RIO DE JANEIRO

[GAZETA DE NOTÍCIAS, 7.º, R. do Ouvidor.
Assinaturas

ANNO (CONTE) ☐ 12.000
SEMESTRAL ☐ 6.000
ANNO (PROVINCIA) ☐ 14.000
ANNUO ☐ 500

1.º ANNO. — Volume 1. — Numero 2.

PARIS 20 DE MAIO DE 1884

Director : MARIANO PINA, 7, rue de Parme.

LISBOA

David Comazzi, 42, R. da Atalaya.
Assinaturas

ANNO ☐ 2.400
SEMESTRAL ☐ 1.200
TRIMESTRAL ☐ 600
ANNUO ☐ 100



ALEXANDRE DUMAS P.º

Auctor do Annuaire actualmente em scena no Officio de Paris.

SUMMARIO

Texto: *Chiribita*, por Mariano Pina. — *As nossas gravuras*: Alexandre Dumas pai; Edmond de Goncourt; Onde nasceu e onde morreu Gambetta; No dia do vernissage; *Naufragio*...; *Modidade*! O d. F. Ferreira d'Araujo; No Tonkin: *Ananimitas* assobiando para chamar o vento; *Chinez sobre o jumento*...; O Simoum. — *O doido de grata*, por François Coppée; *Notas e impressões*; *Peters*, por Jules e Edmond de Goncourt; *Theatros* por J. M. Naufregio... (poesia) por Jayme de Segular.

Gravuras: Alexandre Dumas; Edmond de Goncourt. — A casa onde nasceu Gambetta. — No dia do vernissage. — *Naufregio*... por Giccomelli. — *Modidade!* por Van Beers. — D. F. Ferreira d'Araujo. — A casa onde morreu Gambetta. — No Tonkin: *Ananimitas* assobiando para chamar o vento; *Chinez sobre o jumento*... — O Simoum.

CHRONICA

HA dois seculos pelo menos que o mundo inteiro admite sem discussões uma lenda que deseja passar no estado de verdade e ao estado de axioma, e que diz assim — *Paris é a terra onde melhor se fabrica o riso*.

Em todo o seculo XVIII os francezes passaram a sua vida a conversar com M^{me} de Neale e com a Pompadour, a fazer phrases pelos salões dourados e vastos das Tulherias e pelos velludos de relva dos jardins de Versailles, onde ha satyros que nos espreitam e que riem com o sorriso branco dos marmores por detraz das ramas dos castanhos — para provereem ás gentes que só elles tinham graça, e que para além da França as sociedades matavam o seu tempo aborrecendo-se e abrindo a bocca. E appareceu Beaumarchais para confirmar a coisa, e hoje a graça parece ser feita exclusivamente de barro francez. Os ingleses, de quando em quando, pela bocca de *Punch* ainda protestam contra semelhante lenda. Mas o *Punch* não tem razão — porque não tem bom barro! A Grã-Bretanha não precisa de mais gloria porque foi ella quem inventou o beer. Mas a graça ainda não ha melhor no mercado do que a franceza, a que se encontra á venda por toda a parte, em S. Francisco e em Pekim, e que só se fabrica entre o *Café de la Paix* e o restaurante do *Brabant*, quasi sempre ás horas em que toda a Europa honesta dorme.

Mas se *Paris é a terra onde melhor se fabrica o riso*, é necessario tambem que todo o mundo saiba e que todo o mundo comprehenda que — *Lisboa é a terra onde melhor se fabricam as causas que fazem rir!*

Uma das grandes causas que levaram Lisboa até á fabricação verdadeiramente indigena de *causas ridentes*, tendo mais originalidade e mais aspecto primitivo que a propria louca das Galdas e a louca preta d'Aveiro, é a preponderancia da imbecillidade insolente nos negocios da terra, obrigando os espiritos sensatos a afastarem-se — deixando o campo livre a todos os banas, a todos os idiotas, e a todos os insignificantes, que se mettem em tudo e que tudo conquistam.

Presentemente em Lisboa raros são os

individuos que se acham nos lugares que de direito lhes competem;

e são principalmente os governos que se encarregam de collocar os sapateiros nos lugares dos alfayates e vice-versa.

De modo que um sensato e pacifico morador da *Baixa* que assista, sem alterar o seu sangue-frio, a tanta irregularidade e a tanto desconchavo, no dia em que precisar d'um par de botas não sabe ao certo a quem se ha de dirigir — se ao sr. Nunes Algebete, se ao tribunal da Boa-Hora, se á secção geodesica, se á Padaria Militar!...

Se semelhante torre de Babel existe entre Alcantara e Xabregas a culpa é da Politica que estrangulou completamente um pouco de iniciativa particular que ainda havia para ser a rainha absoluta de tudo quanto respira e vive pelas immedições de S. Bento e pelas immedições do Castello.

Em todos os paizes livres as eleições, por exemplo, são a expressão da confiança que cada partido merece aos seus concidadãos. No anno de 83 o partido monarchico em França mostrou-se mais sério, mais digno, mais bem preparado para todas as luctas. Em 4 de maio de 1884 fazem-se as eleições municipaes em Paris, e o povo de Paris elegue um numero razoavel de conservadores, pela simples e assaz eloquente razão de que lhe mereceram mais confiança que certos candidatos republicanos.

Em França é o povo que elegue os deputados. Pode o governo apresentar quantos candidatos quizer — só serão eleitos se merecerem as sympathias dos eleitores. Em Portugal os deputados são eleitos pelo partido que está no poder;

a Camara chama-se ironicamente a *representação nacional*;

os deputados são *representantes do povo* quando elles representam simplesmente a vontade e a influencia monetaria do chefe n.º 1, ou do chefe n.º 2, ou do chefe n.º 3.

Não é uma camara — é uma confraria!

Os governos lembraram-se um dia de socorrer a arte portugueza, de ouvir todas as noutas a *Sonnambula*, e de possuir gratis um camarote em S. Carlos. Sobretudo de possuir gratis um camarote! E como em Portugal se não sabe que destino dar a tanto dinheiro que annua as arcas do thesouro, dão-se todos os annos 25 contos de reis para que venham italianos a Lisboa deliciar os ouvidos de Suas Excellencias os Ministros, — enquanto os pintores portuguezes que illustream em França e Italia o nosso paiz produzem trabalhos de primeira ordem, tem que viver em Paris com pensões miseraveis;

enquanto ha musicos do mais subido valor que esperam pelo apparecimento d'um particular que lhes faça a esmola de os mandar estudar na Allemanha ou na Italia;

enquanto ha actores de talento que não tem dinheiro para vir estudar a Paris os grandes actores como Coquelin, Got, Delaunay, Mounier-Sully, quando o theatro está sendo uma das mais bellas manifestações artisticas do Portugal contemporaneo.

Se ha um só homem na terra indigena que percaba de bellas artes, e se alguma academia precisa d'um director, os governos não hesitam um só momento nem tem

meamo que hesitar! — Preferem a esse homem um outro a quem causa enorme confusão de espirito: « o facto extranho e inaudito de haver pintores que pintam sobre madeira, enquanto ha outros que pintam sobre tela ».

Ou ainda:

« o facto extranho e inaudito de haver pintores que só sabem pintar animaes, enquanto ha outros que só sabem pintar marinhas ».

Se ha necessidade de se fundar uma cadeira de Esthetica (o lugar que em Paris é occupado pelo professor Taine, o primeiro critico d'arte do nosso tempo) e se ha um homem só, ou mesmo dois, ou mesmo trez, que exerçam em Portugal o officio de criticos, conhecendo toda a arte antiga e toda a arte moderna, os governos não hesitam um momento.

Põem de parte os homens que estão naturalmente indicados pelos seus importantes trabalhos, e vão deitando o olho para o afilhado que no coto do Terreiro do Paço amanuense, sabendo curvar a espinha diante da figura arrogante dos deputados que chegam para fallar ao chefe, sabendo usar a tempo um *bastardinho* niudo quando tem de fechar os officios, escrevendo:

Deus guarde a V. Ex^{ta}.

n'um manso arranco calligraphico, digno dos famosos Carlos Silvas, que se encarregam em 12 lições e pelo modico preço d'uma libra de nos roubar o que nos temos de mais caracteristico, de mais individual — a nossa lettra!

Se os governos desejam ter um commissario regio junto do theatro normal para vigiar attentamente na escolha das peças, quer sejam originaes, quer sejam traducções, se deseja ter um homem que resolva todas as difficuldades, que saiba criticar, dirigir, ensinar, aconselhar, que faça em Lisboa o que faz em Paris, na *Comedie Française*, o sr. Emile Perrin, — os governos escolhem sempre um excelente e bondoso cavalheiro que muito se recommendava para aquelle lugar, por não perceber nada de theatros, por não saber absolutamente nada de litteratura dramatica!

Simplifiquemos:

Um dia ha de vir em que os governos em Portugal se não de apoderar de tudo, assegnorem de tudo.

N'esse dia cada cidadão para lavar a cara, terá necessidade de ir ao Terreiro do Paço pedir licença ao sr. Presidente do Conselho, como nos collegios os rapazes pedem licença ao perfeito para ir lá fora.

N'esse dia a confusão ha de ser geral. Ha de mandar o poeta Luiz Palmeirim dirigir as manobras para Tancos;

e o alfayate Keil dar lições de pathologia na Escola medica!...

Uma das razões que me levaram a classificar Lisboa — a terra onde melhor se fabricam as causas que fazem rir — foi o escandalo ha pouco succedido nas cadeiras do Limoeiro, tentando os prezos assassinar o director, escandalo que foi communicado

telegraphicamente aos jornaes de Paris pela *Havas*.

Francamente nada ha de mais comico nem de mais ridiculo do que os scenas que nestes ultimos tempos se tem repetido na primeira cadeia do paiz.

Ah! hoje — que me consta! — ainda ninguém pôde negar que as cadeias não sejam casas expressamente feitas para guardar patifes, attendendo a que os jurats são feitos quasi sempre para regulo das pessoas de bem, ou d'aquellas que o mosteum ser. listarei eu em erro?...

Uma cadeia, em toa a parte onde uma cadeia é construida para ser unicamente cadeia — uma cadeia em Paris é uma casa guardada por um alto muro, espesso e negro onde se não rasga uma unica janella, onde não pode penetrar o olhar d'um curioso que passe. Quando a Justiça bate a porta d'essa casa trazendo um patife, o carcereiro abre-lhe a porta:

Indica aos *gendarmes* o gabinete do director onde o preso vai passar por um interrogatorio e onde lhe lêem o regulamento da casa; vestem-lhe o *cardealamento* habitual; e metteem-no n'uma cellula tendo trocado com os *gendarmes* e com os guardas o menor numero de palavras do que é usual um homem trocar com outros homens.

As cartas que recebe e as cartas que escreve são todas marcadas com o — V — infamante, com o fatal vis do director da prisão. É este que lhe fornece os livros que o preso ha de ler, mandando-lhe quasi sempre para dentro uma Biblia como velho e o novo testamento. As vezes tambem lhe concede um baralho de cartas para se entreter, sózinho, a fazer *patatinhos*. A janella da cellula enquadra um bocudo do azul do céu, sempre o mesmo azul, sempre a mesma monotonia azul, onde de tempos a tempos passa, rapido como um relampago, ou o vôo branco d'um pombo, ou o vôo agudo d'um gavião.... Quando este azul comegou a enegrecer, quando a tarde desaparece e a noite chega, — o preso fecha a Biblia, põe de lado as cartas, e deita-se, por que lhe não dão luz, e a estrella que parece tão luminosa e que elle vê brilhar no quadrado negro da sua janella não basta para aliviar ou as paginas da Biblia, ou as *plumas* das suas cartas!...

Quando alguém o vem visitar, — o pae, a mãe, os irmãos, a esposa, os filhos ou os amigos! — o preso sóbe a uma sala, seguido pelo guarda, onde fala com os seus através de duas rédeas de ferro, sem mesmo lhes poder beijar a face ou a mão. Quando vai ao escriptorio do director, a perguntas, o preso vai algemado e ladeado por dois *gendarmes*. E só em toz cascos se abre a porta da cadeia a esse homem — ou para se lhe dar a liberdade, ou para o mandar para as galés, ou para lhe mandar cortar a cabeça...

Finalmente. Este regimen tem por fim fazer comprehender ao preso que é muito mais agradável ser-se uma pessoa de bem do que ser-se um patife!...

Ha muito tempo que eu tomo apontamentos curiosos sobre a *Limoeira*, e de tudo que tenho visto e de tudo que tenho observado, cheguei a esta conclusão, de que:

1.º O *Limoeiro* é o estabelecimento que o Estado sustenta para poder proporcionar aos bandidos d'Alfama e da Mouraria, salas mais vastas, bebidas mais baratas e comida mais em conta do que elles podem encontrar nas buiças dos seus respectivos bairros.

.... Porque:

No *Limoeiro* joga-se,
no *Limoeiro* bebe-se,
no *Limoeiro* ama-se,
e no *Limoeiro* mata-se!

.... A jogatina é já coisa tão natural e tão simples, a *batuta* já se achu tanto nas tradições da casa, que os faíscas, depois do meio dia, vão visitar os amigos, para beberem com elles um copo e fazerem uma *partida*.

As amantes dos presos entram na cadeia a todas as horas do dia, com cabazes debaixo do braço, onde levam cigarros, vinho, aguardente, queijo, fructos e de quando em quando: ou uma lima para cortar um ferro, ou uma navalha para o amante matar ou um guarda ou um preso.

Ha annos uma *varina* chegou a illudir o amante no proprio *Limoeiro* e o amante, naturalmente, esfaqueou-a lá dentro — como nas tavernas do bairro alto...

Ha tempos descobrio-se uma companhia de agiotagem, e se os proprios presos não foram de novo presos e se não foram de novo julgados, é por que os seus devedores eram homens de grande posição que poderiam abalar o processo.

Ha tempo que no *Limoeiro* se descobrio que havia lá dentro varios presos com tantos talentos calligraphicos que até falsificavam assignaturas em letras de cambio, tendo essas letras curso no mercado de Lisboa.

E para prova do quanto o *Limoeiro* é a casa de detensão mais bem vigiada que o paiz possui — dezenas de guardas e todos os dias uma guarda de subalterno apresentando armas a outro subalterno do 2.º das Janellas-Verdes ou do 5.º do Castello — ainda ha tempos se soube que lá dentro havia uma fabrica de moeda falsa, e fabrica tão bem montada e moedas tão bem cunhadas, que até envergouhava a moeda feita legalmente sob a vigilancia do governo!

.... Ultimamente os presos não estavam contentes com o novo director que o ministro da justiça para lá tinha mandado. O novo director era um visionario, um perfeito visionario. Quería elle dar as leis e não admitia que aquelles patifes as dessem! Os presos, furiosos, fizeram reuniões, assembleias, *meetings*... Depois de muita discussão e de muita proposta, decidio-se que fosse o novo director simplesmente assassinado, como os *nihilistas* decidindo que se dê cabo do czar.

Quando o director entrou no *Limoeiro* os presos acercaram-se d'elle, e um saindo do grupo, de braço erguido e olhar vingativo, descarregou uma *punhalada* sobre o desgraçado, *punhalada* que, segundo o que tenho lido pelos jornaes, foi recebida com as mais inequivocas provas de satisfação e de regosijo.

O director foi levado para casa, affazmente ferido.

.... Agora o ultimo acto d'esta peça, o acto mais engraçado e de mais effeito theatral:

O *procurador* teve de mandar para a cadeia do *Limoeiro* um outro empregado da sua contingência, o novo director tomou posse do cargo horas depois do attentado. Então os patifes que já tinham saciado a sua vingança, receberam a nova auctoridade com grandes signaes de contentamento:

danço, riram!
e dependuram-lhe a noite luminaria e balões venezianos nos *ferros d'el-rei*!...
Santo paiz!

.... Eu pego para o *Limoeiro* este outro nome: *Club Recreativo e Virilidade*, e que o *pilha* d'Azambuja se chama — o *recinto augusto da viridade*!...

MARINHO, PAÇA.

AVISO

da temoz em nosso poder o original do primeiro trabalho escripto expressamente para a *Illustração pelo illustre romancista portuguez*:

ECIA DE QUEIROZ

um trabalho originalissimo, em tudo digno da penia extraordinaria que escreveu as sobeas paginas do Primo Bazilio e do Crime do Padre Amaro.

Esca de Queiroz, que se achu actualmente numia terra de França, em Angers, por motivo de saúde, tem consigo num cão, um soberbo puz, que se chama D. José. Em Bristol, em casa do romancista, ficou um outro animal, a gata Passy. Ora é exactamente uma caria de D. José a sua amiga Passy, o que Esca de Queiroz, nos envia, carta que tem por feito:

A INGLATERRA E A FRANÇA
julgadas por um inglez.

Este trabalho do eminente romancista, que nos deu a muita estima e a muita sympathia que lhe inspira a *Illustração*, será publicado no proximo numero, no numero que ha de apparecer em Paris no dia 5 de junho.

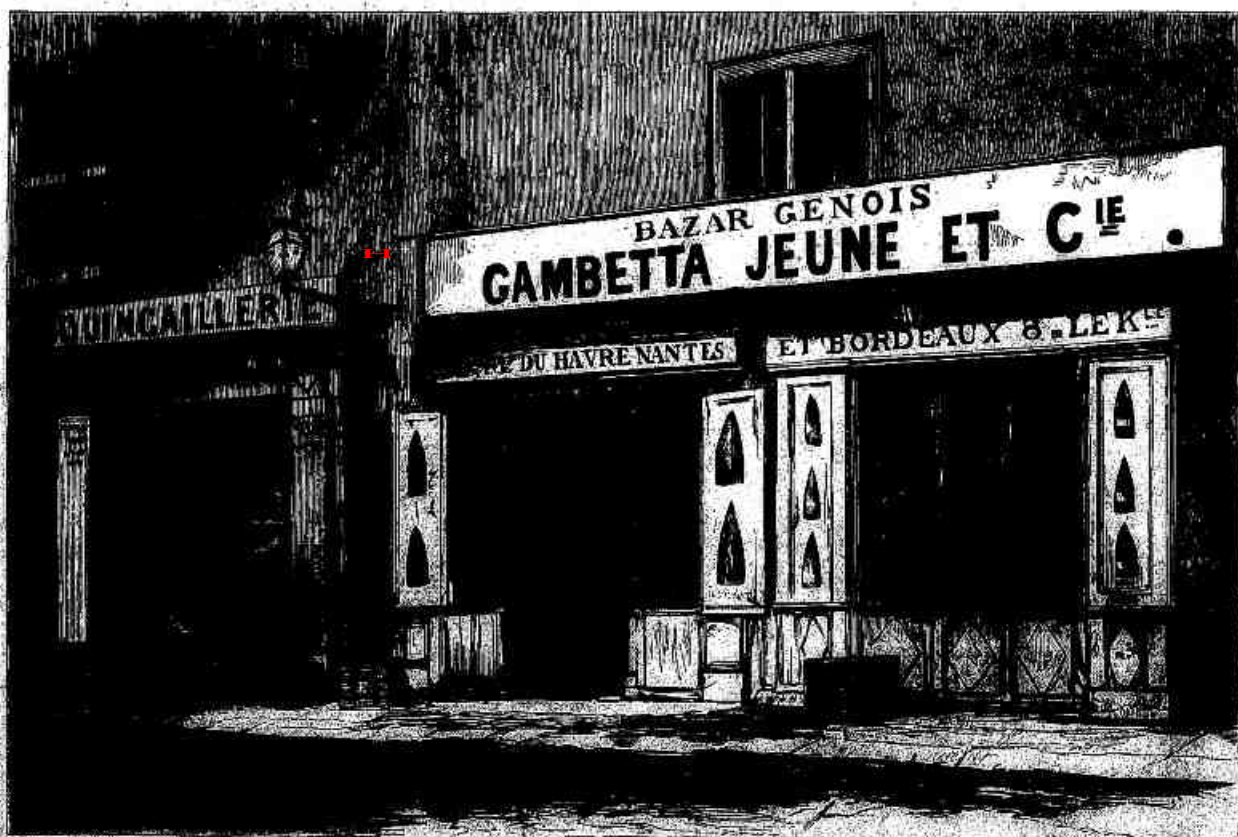
Hoje comega a collaborar na *Illustração* Jayme de Seguir, de todos os poetas novos o mais brilhante e o mais espontaneo, e que vai ser um dos nossos assiduos collaboradores tanto em verso como em prosa.

E esperamos dentro em pouco dar publicidade a trabalhos do illustra-poeta brasileiro Luiz Guimarães Junior, e de Fialho d'Almeida, dos nossos prosadores portuguezes um dos mais fecundos e um dos mais applaudidos.

Tambem abrimos hoje uma secção de Theatros, onde terao um grande desenvolvimento todas as noticias portuguezas, que possam interessar a Portugal e ao Brazil, secção que confiamos a pessoa com pouca assumpto de que vai tratar, e para a qual chamamos especialmente a attenção de actores, de actores, e de traductores.



EDMOND DE GONCOURT autor do novo romance *Chérie*.



A CASA ONDE NASceu GAMBETTA



1. O que fazem caricaturas dos quadros para os jornais illustrados de Paris. — 2. O guarda do Salão. — 3. Olha o retrato do papa!...
4. O ultimo toqué. — 5. Os frequentadores da exposiçào. — 6. Criticos ferozes. — 7. Critico indulgente. — 8. Apre! Já visitet todas as salas!

NO DIA DO « VERNISAGE ». — (Desenho de Mima.)

AS NOSSAS GRAVURAS

ALEXANDRE DUMAS PAE

HA seis mezes que o theatro do *Odéon* annuciou a *reprise* do *Antony*. A critica franceza esperava mesmo a peça com curiosidade, e os criticos da litteratura intransigente iam comprando pennas novas para atirar duas chalaças no romantismo. Emfim, chegou o dia da primeira representação; o panno subiu; succederam-se as scenas e os actos uns após outros; o publico applaudiu com enthusiasmo; hoje o *Antony* é um acontecimento theatral em Paris; o dinheiro corre para as gavetas do *Odéon*; e a litteratura, unanimemente, faz o elogio da peça de Dumas, considerando-a como uma obra-prima da litteratura dramatica.

Alexandre Dumas pae é de novo uma actualidade parisiense, como já o foi o anno passado quando se lhe inaugurou uma estatua na praça Malesherbes. *Antony* é e será sempre o mesmo drama soberbo, cheio de grandes situações dramaticas, um drama onde ha alguma coisa de verdadeiramente genial.

Quizeramos fazer a biographia do legendario auctor dos *Tres Mosqueteiros* e do *Monte Christo*, d'esses romances extraordinarios d'interesse e de vida que tem sido o prazer de trez gerações, mas para isso precisariamos dispor de bastantes volumes, pois que não bastam as paginas da *Illustração* para descrever uma das vidas mais curiosas e mais excepçoes do nosso seculo.

O proprio Alexandre Dumas para não criar difficuldades á historia, escreveu as suas *Memorias*, e é a leitura d'esses volumes tão allegres e tão pittorescos que nós recommendamos aos leitores da *Illustração*.

Vamos dar, contudo, a critica de Dumas pae feita pelo proprio Dumas, um trecho de proza que difficilmente se encontra nas obras do illustre romancista. Como não temos a pretensão de querer dar a medida do genio d'este Titan, vamos-lhes dizer o que elle pensava de si mesmo:

«Lamartine é um sonhador, Hugo um pensador, e eu um vulgarizador. Do que ha de demasiadamente subtil no sonho de um, de demasiadamente profundo no pensamento do outro, profundidade que impede algumas vezes que se comprehenda, apodero-me eu, vulgarizador. Dou um corpo ao sonho de um, dou clareza ao pensamento do outro, e sirvo ao publico esta dupla iguaria, que sahida da mão do primeiro, o nutria mal, e da mão do segundo lhe causava uma indigestão por demasiado temperada, mas que temperada e apresentada por mim, serve para todos os estomagos, para os mais fracos e para os mais robustos».

Alexandre Dumas era um trabalhador infatigavel, tão infatigavel como Balzac. Algumas das suas peças de theatro foram feitas n'uma noite; trabalhava vinte horas por dia; quasi que desconhecia o repouso este gigante do trabalho que dizia um dia ao seu amigo Leverrier:

«Ora tu que conheces esses senhores do Observatorio de Paris porque é que não lhes pedes que façam os dias com quarenta e oito horas. Fazia-me bem bom arranjo!»

Um dia que elle se achava doente consultou o seu amigo Piorry que lhe prescreveu um mez no campo, com a prohibição formal de pegar n'uma penna.

Um mez... era bem duro na verdade! Mas o doente resigno-se e sae n'esse mesmo dia de Paris.

Quarenta e oito horas depois, o doutor Piorry que atravessava o boulevard quem ha de ver?... O seu amigo Dumas, já de volta.

— O quê! O senhor?...

— Sim, eu...

— Aqui?

— Sim, aqui...

— Depois do que lhe ordenei?

— Por quem é, doutor, não se zangue comigo. Eu ensaiei; mas juro-lhe que passado o primeiro dia não pude mais... Estava estafado com tanto repouso!

E é tão verdadeira esta phrase que Dumas, apesar de velho e extenuado, ainda tinha projectos gigantescos, fazendo mil planos de dramas e de romances.

— O que tenho escripto não é nada, dizia com convicção, ao lado do que ainda tenho que escrever.

Depois, com um bom sorriso communicativo, concluiu:

— Meu caro, A embriaguez da tinta é a mais persistente de todas!

O *Antony* era um dos dramas que elle mais estimava, de que elle tinha maior orgulho. Foi por causa do *Antony* e dos *Mohicanos de Paris*, nas grandes luctas com a censura dramatica, que elle escreveu a celebre phrase contra os censores:

Censores... creaturas que não se sentindo capazes de voar resolveram cortar as aças aos outros homens.

Ainda a proposito da sua actividade no trabalho:

Eram trez horas da manhã. Dumas acabava de ceiar com Edmond About, depois d'uma primeira representação em Marselha dos *Gardes forestiers*. Dumas ao entrar no hotel, disse para About:

— Velho! vae repousar! Eu que apenas tenho cinquenta e cinco annos, vou escrever trez folhetins que devem partir amanhã, isto é, hoje mesmo, pelo correio. E se por acaso me sobra algum tempo, ainda faço uma comedia n'um acto em que hontem pensei.

Quando About acordou, os trez folhetins estavam promptos e a comedia tambem. Razão tinha Michelet quando disse:

— Dumas é uma força da natureza!

Alexandre Dumas morreu por occasião da guerra franco-prussiana, mas a morte d'este homem passou despercebida por entre as calamidades que cahiam então sobre a França.

Hoje Dumas possui uma bella estatua no centro de Paris, estatua executada por um grande artista — Gustave Doré — e que nós um dia offereceremos aos nossos leitores. E os seus dramas, como está agora succedendo com o *Antony*, representam-se de novo, sendo recebidos pela actual geração com enthusiasmo pouco inferior aos bons tempos das luctas romanticas.

E' a proposito da *reprise* do *Antony* que julgamos conveniente dar hoje aos nossos leitores um bello retrato de Alexandre Dumas executado pelo nosso gravador Ch. Baude, dando assim a maxima actualidade á *Illustração* que trabalha activamente para estar ao par das primeiras illustrações de França e de Inglaterra.

EDMOND DE GONCOURT

ENTRE OS romancistas modernos que se chamam Zola, Flaubert, Daudet, Ferdinand Fabre e André Theuriet, Edmond de Goncourt e seu irmão Jules de Goncourt occupam os primeiros lugares, pela originalidade dos seus trabalhos, pelo subido valor dos seus romances.

Ainda não chegou o momento de fazer a devida justiça a estes dois homens que produziram juntamente tanta obra notavel, um dos quaes — Jules — já morreu ha annos. Os irmãos Goncourt são por enquanto apenas apreciados pelos homens de letras. O publico ainda se não decidio a ler as suas obras. Mas no dia em que folhear esses livros, no dia em que se deixar arrastar pelo encanto d'essas paginas, o publico não as se—devorará-as!

Os dois Goncourt começaram a adquirir a sua reputação na litteratura franceza pela maneira brilhante como escreviam. Diz-se de Flaubert que foi uma victima da phrase, e Zola mesmo contou n'uma pagina que ficou celebre

as torturas do auctor da *Bovary* quando trabalhava o seu estylo. Este mesmo amor da forma encontra-se nos Goncourt levado ao ultimo excesso, ás vezes quasi á extravagancia, se compararmos as suas paginas com aquellas que se publicam todos os dias.

Como criticos e como historiadores os dois Goncourt revelaram e reconstituíram todo o seculo passado escrevendo magnificos livros como a *Historia de Maria-Antonietta*, *As amantes de Luiz XV e A mulher no seculo XVIII*.

Como romancistas foram elles os primeiros que deram o grande impulso ao romance moderno que hoje domina em toda a raça latina: foram elles os que melhor ensinaram a descrever e a dialogar. Esses romances, verdadeiras obras-primas da litteratura franceza, chamam-se *Madame Gervaisais*, *Germinie Lacerteux*, *Rendé Maupérin*, *Manette Salomon*, e ainda outras obras não menos notaveis.

Como colleccionadores foram elles que introduziram na sociedade contemporanea o gosto pelas mobílias do seculo XVII e foram elles que introduziram em Paris a mania do japonismo, este novo e bizarro *biblot* que invade todas as salas, todos os gabinetes de trabalho, todos os *ateliers* de artistas e até mesmo a arte moderna.

Como vêem a obra dos Goncourt não é insignificante. D'esses dois irmãos resta apenas aquelle de quem damos o retrato. Os seus trabalhos antigos trazem tambem a assignatura de Jules de Goncourt. Todos os romances e livros de critica foram escriptos de sociedade. Mas depois da morte de Jules, Edmond produziu novos livros como *A casa d'um artista*, *Os irmãos Zengano*, *Faustine*, e ha poucos dias appareceu á venda em todos os livrinhos de Paris um seu novo romance *Chérie*, com um prefacio em que o auctor declara ser esta a sua ultima obra — a ultima obra do ultimo dos Goncourt.

A critica franceza occupa-se n'este momento d'este curioso romance, e sobretudo do prologo onde Edmond de Goncourt, com um verdadeiro orgulho de artista, tem phrases amargas para com a sociedade do seu tempo que ainda não comprehende a obra dos dois irmãos.

E o retrato do ultimo dos Goncourt, do auctor da *Chérie* e do livro notavel que se chama *Casa d'um artista*, do companheiro e do irmão de trabalho de Jules de Goncourt, irmão pelo sangue e pelo espirito, que hoje damos na *Illustração*. A falta de espaço não nos permite, como era nosso desejo, dar hoje o retrato dos dois. N'um dos proximos numeros daremos o retrato de Jules de Goncourt, tambem devido á penna de Liphart, um dos desenhadores mais estimados dos jornaes francezes.

ONDE NASCEU

E ONDE MORREU GAMBETTA

INAUGURAÇÃO da estatua de Gambetta em Cahors veio dar mais actualidade do que nós a principio julgáramos — ao nome do grande tribuno a quem a França tanto deveu por occasião da desgraça da lucta com a Allemanha.

Ha pouco mais de um anno que Gambetta morreu, e a posteridade já começou a encaval-o como um vulto superior que tem de viver eternamente na historia da França contemporanea — nome privilegiado que ha de ficar impresso entre os nomes celebres do nosso seculo.

No 1.º numero da *Illustração* offereçemos aos nossos leitores, como curiosidade sympathica, o retrato do pae de Gambetta, do pobre velho modesto e ignorado — do antigo merceario de Cahors: Hoje-nada encontramos de mais curioso e de mais original que offerecer as duas gravuras que ornão as paginas 20 e 28 da *Illustração*: a primeira representando esculpida e mercetaria que o pae de Gambetta possuía em Cahors e onde nasceu o grande tribuno; a segunda representando a casa de Ville-d'Avray onde o grande tribuno falleceu em 31 de dezembro de 1882.

Quem diria, ao ver sehir a porta da modesta mercearia de Cahors aquelle obscuro baptizado, que este primeiro acto d'uma vida havia de ter por epilogo os sumptuosos funeraes a que Paris

assistio, os sumptuosos funeraes onde não sómente foi representada toda a França, mas todas as nações pelos seus diplomatas acreditados junto do governo da Republica franceza?! Eis todo o orgulho d'uma sociedade verdadeiramente democratica — o homem pode partir do meio o mais obscuro e o mais modesto, mas se tiver talento, se tiver caracter, se tiver uma alma grande e um coração nobre, esse homem, querendo, chega aos primeiros lugares, como chegou Gambetta. Que importa que elle tenha nascido na pobre mercancia? Que importa que elle seja o filho d'um provinciano humilde e ignorado? A França encontrou n'elle um filho illustre; a patria deve-lhe quasi a salvação! Que os seus concidãos o glorifiquem, e que a historia grave o seu nome... Os homens celebres vindos do nada são duas vezes illustres. Nas sociedades modernas os pergaminhos não se herdam — criam-se...

A casa onde morreu Gambetta, situada em Ville-d'Avray, na linha de Paris a Versailles, é hoje celebre por que ali moraram dois dos vultos mais poderosos da litteratura e da politica — primeiro Balzac, o grande romancista da *Comedia Humana*, depois Leon Gambetta, o grande republicano. Essa casa constitue actualmente uma verdadeira curiosidade historica, e todos os estrangeiros que visitam Paris vão em romaria a Ville-d'Avray, para verem o quarto onde dormia o auctor do *Père Goriot*, e onde morreu o personagem heroico da Defesa Nacional, o orador inspirado da Camara franceza.

Apresentando nas paginas da *Illustração* as duas gravuras que mostram a casa onde nasceu Gambetta e a casa onde morreu Gambetta, julgamos ter dado aos nossos leitores uma curiosissima actualidade, que deve ser devesa apreciada por todos aquelles que admiram e respeitam os nomes gloriosos de Gambetta e de Balzac.

NO DIA DO «VERNISSAGE»

No primeiro numero da *Illustração* apresentámos aos nossos leitores uma curiosa pagina de Adrien Marie representando uma das grandes salas da Exposição de bellas-arts no dia do vernissage, e prometiamos para o segundo numero uma pagina do desenhador Mars, onde o fino artista das elegancias parisienses devia apresentar o *Salon* por um outro aspecto não menos curioso nem menos agradável. Eis cumprida a nossa promessa.

Mars é um desenhador espirituoso, muito querido dos primeiros jornaes illustrados do *boulevard*, por que encontra sempre no bico do seu lapis uma fina caricatura e um delicioso sorriso. Mars é dos raros parisienses que melhor sabem desenhar uma scena do bosque de Boulogne, uma noite de primeira representação, um bocado de corridas no hippodromo de Longchamps ou de Auteuil, uma scena de feiras ou uma scena de praias. E ainda dos raros que melhor conservam o segredo, a formula para desenhar a verdadeira parisiense, a parisiense elegante que possui a linha mais graciosa e mais bella das mulheres da raça latina, d'esta parisiense dos bailes pelos soberbos palacetes dos Campos Eliseos e das terças feiras do Theatro Francez — vestidas por Worth e perfumadas por Lucca ou Lubin.

O desenho de Mars é uma espirituosa analyse dos variados typos que entram no *Salon* no dia do vernissage, é um verdadeiro artigo de Paris alegre e facil. A nossa *Illustração* que é um jornal fallando portuguez mas vestindo pela ultima moda de Paris, um jornal verdadeiramente moderno fugindo a todas as rotinas e a todas as convenções, não podia deixar de dar entrada nas suas paginas a um artista tão sympathico e tão original como é Mars.

Seria um erro d'officio!...

NAUFRAGIO...

De todos os desenhadores d'aves, o mais notavel da Europa e cuja collaboração é disputada dia a dia pelos jornaes de Paris e de Londres — é sem duvida Giacomo. Procurámos tambem obter algumas paginas do eminente artista, e é com um vivo

prazer que a *Illustração* apresenta hoje quadro tão encantador e tão adoravel, como o que se intitula *Naufragio*...

Não nos parecendo sufficiente meia duzia de linhas em prosa para acompanhar esta gravura, encontramos para o poeta da lapis um poeta da penna não menos brilhante, nem menos distincto que o primeiro. Foi Jayme de Seguiet, cuja acquisição como collaborador, e collaborador assiduo, é uma honra para o nosso jornal, e cujos versos serão lidos pelas nossas leitoras com um sorriso de satisfação nos labios.

Como vêem a *Illustração* quer ser e ha de ser o primeiro jornal illustrado escripto em portuguez.

MOCIDADE!

Entre o grupo dos artistas estrangeiros que habitam Paris e que mais amadadas vezes aqui expõem — Van Beers tem sido dos mais applaudidos e os seus quadros d'uma factura original tem attingido no mercado europeu preços bastante elevados.

Possuindo uma grande sciencia de desenho e de cor os seus quadros de genero trazem todos um grande acabamento, e algumas vezes a critica franceza tem chegado quasi a censurar-lhe uma especie de exactidão photographica no assumpto que tratou, o que prejudica um pouco o merito da obra que ás vezes pode cair no amaneirado. Isto é o que diz a critica pela penna de Edmond About ou de Alberto Wolff ou de Henri Rochefort quando Van Beers expõe nos *Salons* annuaes de Paris algum dos seus deliciosos quadrinhos — a critica séria, implacavel e exigente que se colloca diante da obra do artista, considerando-a como o producto não d'um talento vulgar, mas d'um talento superior.

O anno passado Van Beers causou grande escandalo em Paris — no Paris dos jornaes e no Paris dos ateliers. Mandára para o *Salon* um excellente quadro que foi aceite pelo jury, como era de esperar. Era uma tela pequena onde havia uma mulher deitada sobre um tapete oriental. Os quadros de genero dos artistas considerados, o jury mande-os collocar na primeira fila, á altura do observador, como os leitores po lem ver na pagina do nosso collaborador Mars, o que já constitue uma primeira distincção. O visitante pode observar os mais minuciosamente. Van Beers entra no *Salon*, no dia do vernissage, e vê a sua tela collocada na terceira fila — pessimamente collocada. Então o artista foi buscar um pincel molhado em tinta preta, e com a maior serenidade transformou a sua tela no mais horrendo borrão negro! O escandalo que este facto produziu foi enorme; os jornaes fallaram do caso durante uma semana; e o jury resolveu nunca mais aceitar quadros do artista irreverente. Mas a indignação do jury passou bem depressa e este anno quando o artista mandou ao *Salon* um outro excellent quadro não houve coragem para o recusar — os despeitos tinham desaparecido diante da obra superior e original que a critica tanto tem elogiado.

Mocidade! é uma das suas telas mais brillantes. O assumpto é puramente flamengo. Uma creança elegantemente vestida com um costume do seculo XVII brinca com um tentilhão que tem preso ao seu *kruk*. É um passa-tempo ainda muito usado em varias cidades da Hollanda. O tentilhão domestica-se e familiarisa-se com grande facilidade. O bocado de madeira onde deve pousar chama-se *kruk*, em flamengo, e é envolvido em lá encarnada, muito viva. Na parte inferior do *kruk* enrola-se um fio que deixa esvoçar a ave acima dos telhados e acima das torres. O fio prende-se a uma cintura que envolve o tentilhão debaixo das azas.

A cor brillante da lá chama a attenção do passante, de modo que ao primeiro signal do dono, desce immediatamente vindo pousar no *kruk*.

Este gracioso quadro de Van Beers appareceu na exposição universal de 1878, sendo uma das obras mais notaveis da arte moderna nos Paizes Baixos. Ultimamente passou para as mãos d'um grande colleccionador que consentio na reprodução da obra pela gravura em madeira, gravura que foi executada com grande escriptura e delicadeza pelo nosso eminente collaborador Ch. Baude.

O DR. FERREIRA D'ARAUJO.

CHEGAMOS do Brazil um livro bem importante, firmado pelo nome d'um dos mais notaveis jornalistas do Imperio, o Dr. Ferreira d'Araujo, proprietario e redactor em chefe da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro.

É um livro composto á maneira franceza, dos artigos que o distincto escriptor publicou durante o anno de 1883, ás segundas feiras, sob o titulo de *Cousas politicas*. No jornal os artigos appareciam sem assignatura; hoje no volume o auctor põe de parte o anonymo, e o publico brasileiro pode applaudir com enthusiasmo esse homem de letras verdadeiramente moderno, que soube no seu jornal escrever á maneira dos grandes jornalistas francezes que se chamam — Edmond About, Auguste Vacquerie ou John Lemoine.

Na historia da imprensa brasileira no ultimo quartel d'este seculo tem necessariamente de ficar registrado o nome do Dr. Ferreira d'Araujo, como o do primeiro jornalista que transportou para o Brazil o systema parisiense, isto é — o systema moderno de fazer jornaes.

A *Gazeta de Noticias* é o exemplo eloquentissimo do que deixamos dito. É um jornal de primeira ordem, o primeiro jornal completo que se conhece em lingua portugueza, podendo sem receio collocar-se ao lado dos grandes jornaes francezes.

Ferreira d'Araujo é o verdadeiro jornalista do nosso tempo, o verdadeiro director como hoje é preciso e o publico exige, sabendo dividir os columnas da sua folha de modo que não deixe de haver espaço nem para o artigo politico, nem para a anedocta, nem para o artigo litterario, nem para a *reportage*. Escrevendo, tem todo o encanto e todo o atractivo moderno, pela simplicidade dos seus artigos, pela naturalidade da sua linguagem, sendo lido com prazer pelo homem de commercio e pelo homem de letras.

A *Gazeta de Noticias* é o seu campo de trabalho e é a sua grande obra. Sério e elevado, — possuindo uma critica larga e justa quando escreve os artigos em que analisa os grandes acontecimentos do seu paiz — nem por isso deixa de ser um verdadeiro chronicista do *boulevard*, palpitante de graça, de bonhomia e de mordacidade, quando, de pseudonymo em punho, escreve com os seus collegas de redacção as famosas *Balas d'estalo* que tanto successo tem tido entre o publico fluminense.

Depois de se ter lido durante alguns dias as paginas da *Gazeta*, tem-se a certeza de que é difficilissimo fazer um jornal tão bom e tão completo, e de que é impossivel fazer melhor.

A *Illustração* ao receber o excellent livro — *Cousas Politicas* — do Dr. Ferreira d'Araujo, achou que era do seu dever publicar o retrato do illustre jornalista, inaugurando assim a sua galeria de homens notaveis do Brazil. A execução artistica d'este trabalho foi confiada ao nosso gravador Ch. Baude, o auctor d'outras magnificas gravuras que hoje damos na nossa folha.

NO TONKIM

A guerra empreendida pela França no Tonkin, dando caça aos bandos dos Pavilhões Negros, fez com que os principaes jornaes illustrados mandassem os seus collaboradores artisticos para o Celeste Imperio, para enviarem de lá tudo quanto a lapis encontrasse de curioso e de extraviante. O Tonkin está pois na ordem do dia, politica e pintorescamente fallando. A *Illustração* não podia encontrar nada de mais curioso para inaugurar as suas viagens pela China do que as duas scenas que hoje damos:

Annamitas assobiando para chamar o vento. — A equipagem lutou toda a noite contra a maré. O dia rompeu e elles esperam ter melhor viagem; mas vêo a calmaria. As velas estão indifferentes e o barco não se move. Então os bons dos annamitas começam a assobiar, cada um por sua vez, até que assobiam todos em coro para acordar o vento, para que o vento se aproxime, docemente, e de repente ao vento. Mas é necessario que os pobres diaboos não assobiem muito forte, para em vez de acordar a Brisa, não irem acordar o Furacão.



NAUFRAGIO...

Na água onde começa a acender-se o luar,
a ramaria põe confusas manchas negras...
O ninho que ali vai sobre a onda, a boiar,
era de toutinegras-gras...

Vede, as pobres são brancas. Não vos infunde mágoa
vel-as assim afflictas,
tentando em vão sustentar a superfície d'água
coas azas pequenitas?

Os pais, fôcos de dôr, tremendo de agonia,
e de amargura enfim,
solam gritos de dor como ontrom Maria,
por uma noite assim...

Com o bigueto ancioso e curvas sobre o rio,
tentam: nada salvar o triste afflictô banho...
Mas sobre as águas corre um vento agreste e frio
e o bairrelito vai boiando... vai boiando...

No fundo d'esse abismo e d'esse repletor,
onde o azul se azafra-se...
dize, que fazes tu para não ver, Soutor,
que esse nêgo naufraga?

Se é certo que sorris, venho rir as procuvas,
porque deixas morrer as pobres passageiras...
Tendo d'asíndes Soutor, Salva as pobres e fráguas,
salva os denegos e os nêgos host...

Quadro de Vincomelli. — Gravura de Méaulle.

JAYME DE SÉQUIER.



MOÇIDADE I

Quadro de Van Eyck, gravura de Baude.

11-50-1
11-50-2

Passa o tempo o seu preconceito. Quando assobiam de vagar imaginam acordar o vento; quando assobiam de riso imaginam acordar um dragão monstruoso que está para lá do horizonte, dentro que se encarga de chamar imediatamente a tempestade. Assobio fraco é a salvação, assobio forte é a morte. Pobres imbecis! Que os seus desejos sejam cumpridos...

Chinês sobre o juncos. — El-o, o bom chinês, sentado sobre o tombadilho do seu juncos, abrigado ao tradicional guarda-sol, fazendo a sua viagem ao longo do Tchou-kiang, o famoso rio das perolas.

Vac dilata em aldeia vendendo os seus productos. Hoje a imagem da pachorra da indolência, da mandrice. O seu olhar obliquo cae indifferente para qualquer lado, e pelo seu espirito perpassa talvez um sonho de arroz cozido ou de nibhos d'andorinhas. Mas amanhã, na sua aldeia, um chefe prega a guerra contra o europeu, contra o francez, e o pachor-rento que hoje vêem a morrer sobre o juncos, é amanhã um bandido terrível das proximidades do Hanoi ou de Bac-Ninh.

O SIMOUN

Quando os tem ouvido falar na horrível tempestade, na tempestade de areia, mas muito poucos conhecem quadro tão curioso e tão profundamente dramático como o que damos com o título de Simoun.

Os árabes atravessavam pacificamente o deserto. O céu era todo azul e a terra toda branca. Pouco a pouco um ponto negro surge no horizonte, e vai subindo, e vai-se alargando, e em pouco tempo o céu se escurece, e o ar se rarefaz, um calor horrível suffoca e asphixia... É o Simoun, o terrível Simoun, é tempestade de areias que o vento levanta das vastidões do deserto... e os pobres árabes correm, sobre o dorso dos camellos, mas o Simoun é mais veloz, e em poucas horas a caravana ficará sepultada sob a espessura das areias... e outra caravana há de vir que nem traços ha de ver dos desgraçados que na sua viagem encontraram morte tão horrível como esta.

O DEDAL DE PRATA

Schomberg morre de tristeza e de aborrecimento na sua villa de Monaco.

A celebre cortesã, cuja belleza pouco soffreu com vinte annos de orgias, sente tornar-se mais espesso por cima dos seus olhos, — os seus olhos que causaram tantas loucuras e tantos desesperos, — o véu, cada dia mais escuro, da cataracta. Percebeu os primeiros symptomas da terrível enfermidade ha dois annos. Uma bella manhã, sentando-se de frente do espelho da sua meza de toilette, viu o seu rosto como que banhado n'uma ligeira nevoa; no dia seguinte, este nevoeiro medonho tornava-se mais opaco, e a Schomberg lembrou-se então de que, havia algum tempo, soffria frequentemente de mal de cabeça, enxaqueca, queixando-se ás vezes de ver moscas que vojavam, pontos negros, teias d'aranha...

Consultaram-se oculistas; todos estavam d'accordo sob o diagnostico domal, e os phenomenos seguiram a sua marcha, lenta, progressiva, implacável. Um dia os homens do officio fallaram em operação. Mas a Schomberg é covarde. Esta mulher que fez soffrir tanto desgraçado, receia a dor; os seus nervos cansados, gastos pelo excesso das voluptuosidades revoltam-se com a ideia de que ha de ser ferido por um instrumento d'ago — ella, por quem o principe de Royaumont, um cretino de vinte annos que estava per-

dida d'amores, se foi bater em duello, morrendo atravessado pelo florete desleal d'um espadachim. Afastou para longe de si os ciurmeiros e deixou a doença concluir a sua obra. Hoje, a Schomberg está quasi cega.

A villa da Schomberg é a mais bella e a mais bem situada d'este canto do paraiso que se chama Monaco. Os que passam vêem, através das grades invadidas pelas trepadeiras, a verandah com stores cor de rosa, e imaginam que a felicidade mora ali. Mas a Schomberg continúa mortalmente triste; só conhece as flores pelos seus perfumes, só se lembra do azul deslumbrante do Mediterraneo quando ouve o som rythmico das suas ondas. Depois de ter gosado tanto com todos os sentidos, só pensa exactamente n'aquelle que lhe roubaram. Quando recebe um ramo, aspira-o por um momento, depois deita-o fóra, enraivecida. Expulsou de sua casa o ultimo amante que lhe inspirara um capricho, — o pianista polaco que lhe distrahia a melancolia improvisando tão lindas valsas — no dia em que, olhando de muito perto para os seus olhos azues de slavo, não pôde descobrir o seu olhar. Quando o doido do Gregoresco, o filho do antigo hospodar — o unico que se atreve a dar-lhe o braço em publico — a acompanha adar uma volta pelo Casino, sae de lá toda irritada com o retenir d'este ouro cujo brilho não pode ver, e não se assenta um minuto diante d'uma meza de trinta e quarenta, ella que perdeu e ganhou tantas vezes ao jogo fortunatreas, que d'ahi veio chamarem-lhe ás vezes « a Maximum ».

Comtudo a meia cegueira da Schomberg permite-lhe ver ainda, quando os aproxima dos olhos, os objectos muito brilhantes, e o seu ultimo prazer da vista é examinar os seus diamantes e outras pedrarias.

Todas as noites, Manette, a sua criada de quarto, prepara, no pequeno boudoir, uma meza coberta com um tapete de velludo grenada, e colloca-lhe em cima, entre dois candelabros onde ardem vinte velas perfumadas, um pesado cofre d'ebano com pregos de prata onde se encerram todas as riquezas de sua ama. Schomberg semia-se então n'um fauteuil; abre as caixas que estão no cofre, e, com o seu olhar quasi apagado, passa longa e minuciosamente em revista os anéis, os collares, os brinços, os braceletes, os brachos, os diademas. É o supremo prazer que a velha cortesã pode hoje proporcionar aos seus olhos cheios de noute; o fogo d'um diamante, o oriente d'uma perola rara, o brilho d'uma pedra preciosa, são só capazes de acender n'aquelle noute uma rapida claridade. As suas pupillas avidas de luz dilatam-se então voluptuosamente; olhando fixamente estes objectos tão luminosos, lembra-se dos homens que lh'os deram outrora; e fallando machinalmente, mais para si do que para a camarista de rosto desbotado, que se encostou a um canto da meza e que a escuta, com um sorriso de desprezo e de odio, repetir as suas recordações galantes, a Schomberg, perdida no seu sonho, evoca o seu passado, a sua longa existencia de infamia.

— Aqui está o adereço de rubis do grão-duque... Como se deve aborrecer, este pobre Leopoldo, no seu exilio, na Escoccia, desde o dia em que os seus subditos o expulsaram bombardeando-lhe e cecro com cristas de lama! Rubis soberbos, cor de vinagre rosa. É uma pedra rara e que só se encontra na ilha de Ceylão... O colar de perolas do

gordo Wertheim. D'esta vez é que elle ficou deveras arruinado depois da falencia, o que é inacreditavel da parte d'um judeu... Perolas d'um negro azulado que valem carissimo... Sim, lembro-me, expulsei de minha casa este sujeito por que fez a asneira de offerecer um adereço igual a sua mulher no dia em que me offereceu este a mim... Os brinços do marquês... Não era rico, este bom Léon, mas era um verdadeiro gentil-homem. Na vespera do dia em que o seu nome devia ser affixado nas salas do club por dividas de jogo... pan! não estove com mais demoras. Um tiro de pistola sobre o coração! Já é um liado presente para um pobre diabo a quem o baccarat devia ter protegido, necessariamente, na vespera... As esmeraldas de Veli-Bey... É curioso! como todos os meus bons conhecidos acabam mal! Este foi encontrado um dia estendido sobre um divan, estrangulado por ordem do Khediva... Soberbas esmeraldas!... Oh! como isto é pesado! Mas espera!... É o diadema do rei da Lithuania... com o diamante do meio, grosso como a metade do Sancy... É um diamante historico, minha querida, que os joalheiros da corba me quizeram comprar quando este pobre João IV casou a filha... Mais feliz que os camaradas, Sua Majestade! Estar um pouco usado e gasto, é verdade; mas enfim ainda tem hoje a sua cabelleira postiga e as suas suissas pintadas... gravadas nos thalers e impressas nas estampilhas!...

E quando tem repetido largamente as suas velhas historias, que todas acabam por uma vergonha ou por um lucto, a Schomberg fechando as caixas avelludadas cuja mola estala com um ruido secco, enfileira-as no cofre d'ebano, onde ficam apertadas umas contra as outras, como caixões n'um tumulto de familia.

Algumas vezes a Schomberg estende a mão até ao fundo do cofre e tira os objectos mais ordinarios, as joias que passaram de moda ou que já não servem. Estas não tem sufficiente brilho para que ella as reconheça e para que se lembre dos nomes d'aquelles que lhas deram. É a vala commum das recordações.

Manette vem então sentar-se junto da ama; por que ella dá-lhe ordinariamente alguns d'estes restos, um anel torcido, uma medalha amolgada, um fragmento de cadeia d'ouro.

Foi assim que uma noute, revolvendo nos restos do thesouro, a criada de quarto descobriu com surpresa um velho dedal de prata, humilde joia de pobre, feita para a honestidade laboriosa, que parece envergonhada de se encontrar ali.

— Um dedal de prata! Que quer isto dizer?

— A Schomberg não o pode ver, mas pega no dedal e rola-o por muito tempo entre os dedos.

N'um momento, rapido como um relampago, fez passar pelo seu espirito todo o tempo em que foi honesta, quando se chamava Virginia Poirer. Tinha acabado a sua aprendizagem em casa d'uma florista da rua Saint-Denis. Foi o João Baptista, o rapaz que levava as encomendas, que lhe deu este dedal de prata pelo anno bom. Amava a muito, queria casar com ella, e apesar de ter passado o dia em correrias através de Paris, acompanhava-a todas as noites até a porta dos paes, que eram por-

teiros d'uma casa em Glignancourt. Este bom rapaz de faces vermelhas, esgueldelhado, era um marido muito acceito. Mas os dois não ganhavam oito francos por dia. Como haviam de montar a casa com tão pobres recursos? Kila recusou. Estavam no bairro faubourg Poissanière, em frente da tabacaria; parou de repente e disse ao rapaz: « Olhe, senhor João Baptista, nunca mais me acompanhe... Decididamente, digo-lhe que não! » Oito dias depois ia para o lycée Montmartre com as companheiras e tomava um amante. Pobre João Baptista! Mais um que morreu por ella! Seis meses depois quando já fazia parte dos coros d'um café concerto, com o Rigobonche, — heini! como o tempo passa — o rapaz asphixiou-se como se fosse uma costureira, deixando n'uma cadeira, ao lado da cama onde o acharam morto, um papel com estas palavras: *Morto por causa da Virginia por quem tinha uma amante superior ás minhas forças.*

O rosto da Schomburg, — este rosto sombrio da corteza e da cega, — tornou-se ainda mais sombrio que de costume; e deixou cahir o dedal de prata no fundo do cofre.

— Então, minha senhora, exclama o criado de quarto rindo tolaemente... não se pode saber... o que isto é?

E a Schomburg, felcanto bruscamente a tampa do cofre, responde em voz baixa, com o accento carregado dos faubourgs que nunca poudo perder:

— Isto... isto não é nada... é a minha mocidade!

FRANÇOIS COPPÉE.

NOTAS E IMPRESSÕES

Um velho estava ao meu lado no café Riche. O criado, depois de lhe ter descripto todos os pratos, perguntou-lhe o que é que desejava:

— O que eu desejava, disse o velho, o que eu desejava... era ter um desejo!

Era a velhice, este velho.

Ha certos maridos de mulheres bonitas, tão grossas e tão materias que se podem comparar a esses pregoeiros de leitão mostrando e mechendo, sem as quebrar, nas mais bellas e nas mais delicadas cousas.

Grandes acontecimentos estão muitas vezes contados a homens bem pequenos, como estes diamantes que os joalheiros de Paris confiam a garotos.

Ha collações de objectos d'arte que não mostram nem uma paixão, nem um gozo, nem uma intelligencia, nada senão a victoria bruta da riqueza.

Uma religião sem sobrenatural, — faz-me pensar n'um annuncio que li ha annos nos jornaes — *Vinho sem uva.*

O que é a vida? O usufructo d'um agregado de moleculas.

Nos jantares d'homens ha sempre uma tendencia para fallar á sobrezeza na immortalidade da alma.

O riso é o som do espirito: certos risos são tão tomente, como uma moeda são falsa. ENOCH e JAMES DE CONQUEST.

Lê-se n'um jornal: Encontraram no fundo do rio o corpo d'um soldado contido em bocados e metido dentro d'um sacco, o que exclue toda e qualquer ideia de suicidio.

A primeira metade da vida passa-se a desejar a segunda; a segunda a chorar a primeira.

A razão humana é uma coisa bem divertida na vossa bocca, como na bocca de toda a gente. Não tem razão, quer dizer: não pensa como eu. Tem razão, significa: é da minha opinião. A. KAHN.

A opinião publica. Um homem de trinta annos seduz uma menina de quinze annos — é a menina que fica deshonrada!...

STRECHER.

O homem na familia deve ser um magistral; a mulher na familia, uma sacerdotisa e um idolo.

O que vulgarmente se chama uma menina bem educada, é um rapaziço muito mal educado, uma mulher inutil.

PRODIGES.

Camilla. — Então! tu não vens ao enterro de Z... Olha que vão todos os artistas.

Calisto. — Que m'importa! Só vou ao enterro das pessoas que eu sei que não hão de faltar ao meu.

Tenho visto sempre as multidões julgar as cousas pelo seu lado tolo e correrem para o absurdo como o ferro para o iman.

Para a sociedade, o homem obeso que quebra uma cadeira quando se assenta é um ser poderoso a quem nada resiste. Avalia o valor do sabio pelo tamanho dos seus oculos; o genio d'um capito pela altura do seu penacho; e a alma do patriota pela sonoridade da sua voz.

Não me falem da multidão: é um bom boi para puxar um carro, mas incapaz de o conduzir. Este boi é inconsciente da sua estupidez, e é esta a sua força. No momento em que puxa com mais força sob o peso da carga é que elle imagina triumphar com mais brilho.

O sublime e o delicado são como as montanhas muito altas e os grãos de areia muito pequenos que a multidão não pode apreciar á vista desarmada.

O que convém pois na vida, para se ser estimado, é uma intelligencia media, nem muito subtil, nem muito espessa, nem solidão, nem gazosa, mas entre as duas... liquida, se quizerem; é uma sabia mistura de ascencia e de finura, de senso commum e de bom senso... doce e amargo ao mesmo tempo.

GUSTAVE DROZ.

NO SALON

Entre os artistas qui expõem este anno na exposição de bellas-artes de Paris encontram-se os nomes d'alguns artistas portuguezes e brasileiros que apresentam trabalhos do mais subido valor.

A Illustração desejando publicar nas suas paginas tudo quanto seja sympathico aos dois países a que se destina dirigio-se aos expositores portuguezes e brasileiros pedindo-lhes a sua collaboração e a reprodução pelo lapis dos

quadros e esculpturas que hoje se admiraem no Palácio d'Industria.

Os seguintes artistas responderam ao nosso convite com uma adhesão sympathica, e o primeiro croquis que nos chegou das mãos foi de Amadeo, o distincto pensionista do Brasil em Paris, croquis que vamos publicar no proximo numero da Illustração.

Os outros trabalhos serão publicados successivamente.

PETERS

HENRIQUE.

Se nós fossemos passar o verão para o exterior da França?

ALBERTO.

Descobre-me um buraco onde haja bons cigarros e onde não haja sitios apontados no guia do viajante, — e sou o teu homem.

HENRIQUE.

Hei de procurar. — Se nós fossemos a Londres?

ALBERTO.

Obrigado. Uma terra onde ha quasi tantos inglezes como em Napoles!

THOMAZ.

Vamos á Suissa.

ALBERTO.

Uma republia de estalajadeiros!

THOMAZ.

Se nós fossemos a Constantinopla?

ALBERTO.

E se tu fosses para casa do diabo...

ADOLPHO.

É verdade, ó Alberto, não és tu que vens não sei d'onde?

ALBERTO.

Cesio que sim, da Allemannia... Camponezes que fumam por cachimbos de porcelana; muitos diplomatas; uma caneca de cerveja sobre um volume de Schiller; e um sol que Deus assa trez vezes por anno... É a patria dos conselheiros auticos, das sobrezezas de alamares e das camas sem cortinas... Eis as minhas impressões de viagem.

CARLOS.

Tu estiveste o anno passado em S. Petersburgo?

ALBERTO.

E ha dois annos no Cairo.

THOMAZ.

Para que diabo é que tu vias?

ALBERTO.

Já me interroguei sobre o mesmo assumpto. — Para ter um motivo para voltar!

CARLOS.

Sabes que podes escrever um bello volume com a historia das tuas viagens?

ALBERTO.

Sei, — mas li d'Alembert: Os viajantes são os livros dos convalescentes: embalam docemente o leitor.

THOMAZ.

Quem quer vir no domingo ao campo?

CARLOS.

Em que sitio é o idyllio?

THOMAZ.

Passam-se as barreiras... Encontra-se uma rustica taverninha, coberta de verdura como um Baccho antigo! — Pede-se hospitalidade! Quando são dois, — boas como botinas — não se dá mais do que um copo.

ALBERTO.

Acho lindo... mas só nos romances! Um encontro de dois amores que vão comer na mesma gamella!

ADOLPHO.

Dá cá um charuto.

THOMAZ.

Voltaste a casa de madame de S...?

ALBERTO.

Não. Uma sociedade tão misturada como as mezas dos hotéis. Ha sujeitos que lêem... disseram-me que eram versos. Ella também lê. Um horror!

HENRIQUE.

Quem viu a nova magica?

ALBERTO.

Um triste *vaudeville*! — Sonhei sempre em fazer uma magica. Vocês sabem que é o diabo, uma magica?... E preciso ser-se um poeta d'impossivis, chimérico a toda a brida, tão como um sonho e louco como um pesadello... seriam precisos dois, trez alfayates que se chamassem Callot, Goya...

THOMAZ.

Perdão, Alberto. — Carlos, como vai a tua Lydia?

CARLOS.

Meus senhores! Lydia atirou-



D. FERREIRA D'ARAUJO

Redactor principal da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro e auctor do novo livro *Contos politicos*.

se ao rio louca d'amores por mim... Escreveu-me, pedindo-me duzentos francos para se poder enxugar!

HENRIQUE.

Respondeste-lhe?

CARLOS.

Respondi-lhe que me tinha mudado... O Alberto. Queres-te casar?... 150,000 francos de dote.

ALBERTO.

Gostas dos jardins desenhados por Nôtre?

CARLOS.

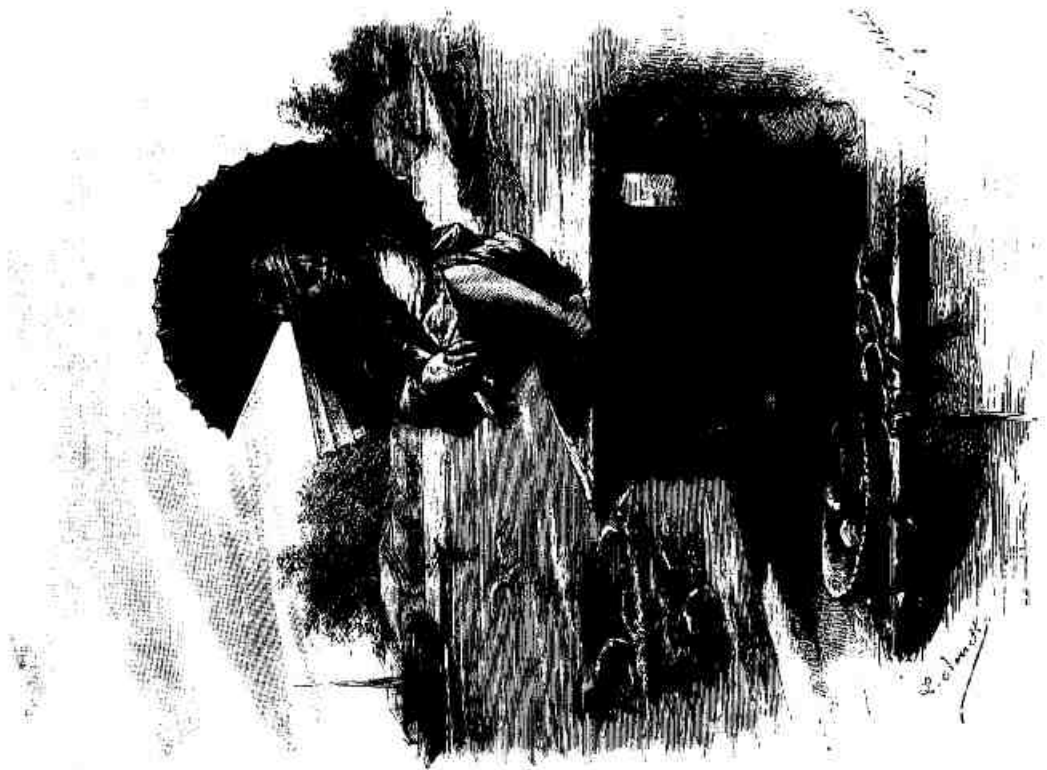
Justamente o *parque* do papá é uma das suas creações.

ALBERTO.

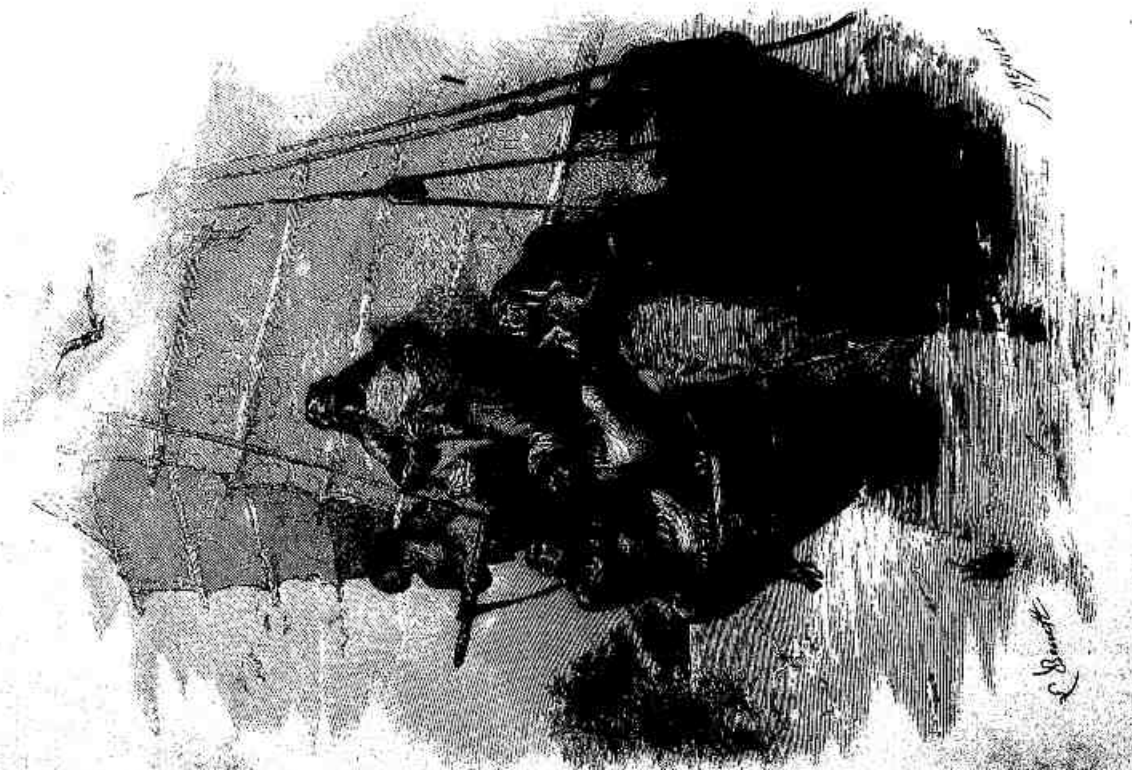
Não é verdade que ha grandes ruas fazendo angulo recto?... As arvores são tolhadas a pique, verdadeiros muros... Geometria pittoresca... As pessoas que vaguem pelas ruas, as ondulações do terreno, os recantos verdes, as linhas de buxo, o lago, o repuxo, tudo... tudo já estamos fartos de ver apenas se entra o portão... Ah! meu caro, prefiro ainda, ainda um pouco o jardim inglez, os pedaços de horizonte, as surpresas e os encontros, um véo verde ao voltar d'uma rua, os massigos que se não esperam, o *parque* que tem o ar de ter



A CASA ONDE MORREU GAMBETTA



Chinez sobre o - juncos



Aranamitas assobiando para chamar o vento.

lido desenhado por um acaso, o imprevisto d'uma vigetação livre... o que faz com que eu te agradeça, mas que continue a ser rapaz.

HENRIQUE.

Querem saber? viajei hontem em caminho de erro com um sujeito que dava nós no lenço para melhor se lembrar dos pontos de vista!

CARLOS.

Já sabem que o Rodrigo voltou da California?

THOMAZ.

E o que é que trouxe?

CARLOS.

Duas moedas de cinco francos em ouro...

THOMAZ.

Encontrei hontem Berthold.

CARLOS.

E então?

THOMAZ.

Continúa a frequentar a alta sociedade.

ALBERTO.

Pensar que ha em Paris dez mil mancebos que fazem a barba todas as manhãs, que compram lavas, que se vestem, que saem de suas casas ás dez horas da noite, façam o frio que fizer, que cumprimentam, que dançam seis horas a fio, que conversam com os pares, e que fazem isto mesmo, todos os annos, durante oito mezes... e para quê? tudo isto para quê? para agarrarem e comerem do pe, o chapéo n'uma das mãos, incommodados, apertados, os braços sem se poderem mover, um bocado de galantine trufada que não vale mais franco; — e pensar que se estes dez mil mancebos deixassem de ambicionar este bocado de galantine trufada, as lojas fechavam, o commercio paralisava, e tudo isto provocaria a crise commercial mais espantosa que se tem visto!...

THOMAZ.

Qual de vocês acredita nos homens de mau olhar?

CARLOS.

Ah! ah!

THOMAZ.

Não... Falto seriamente.

ALBERTO.

Acredito se vocês quizerem nos assignantes de certos jornaes, no espirito d'um fulano de tal, no successo d'uma peça que seja litteraria, na minha nomeação para a Academia, na minha consciencia de jornalista, na amizade dos meus amigos, e ainda na escola do bom senso... mas quanto a mau olhar sou como o Credo de Voltaire: creio nos agiotas e nos tratantes!

ADOLPHO.

Eu, porém, acredito no mau olhar, por que acredito em Peters.

HENRIQUE.

Peters, o pintor?

ADOLPHO.

Esse mesmo!

ALBERTO.

Acaso jantará elle á mein noite, no cemiterio Montmartre?

ADOLPHO.

Ainda hontem, no theatro: apparece no corredor das cadeiras, vê-me, cumprimenta-me... Começo de que nunca se lembrou! — Que um homem morresse com uma apoplexia ao meu lado, nada tem de extraordinario... Mas no instante em que elle do novo me olha, um guarda-chuva — notem que estava uma noite sobeirão, um céu que promettia bom tempo pelo menos por oito dias — um guarda-chuva cae das torcinhas d'um modo tão homicida e tão perpendicular que por um triz me não mata! E notem que a comedia caminhava docemente para as decencias do desfecho. Os actores diziam regularmente a cousa. Galante-

mente, o publico escutava; benevolamente, os criticos julgavam. Alongavam-se as caras dos inimigos do auctor. Os hemistichios marchavam a passo firme e tranquillo, como burros de montanha, n'um silencio de bôa composição... O meu Peters deita um olhar para a scena; zás! foi como a varinha das fadas do mal! A peça desmaja. Cumprimenta-se este verso e aquelle, e esta ideia, e esta scena, como se fossem velhos conhecimentos. Um cavalheiro assôa-se. A grande actriz tropeça nos vestidos. O ponto apontam-se alto. Os criticos do balcão começam a deitar o binoculo para a sala. Madame de R... entra. As mulheres voltam-se nos fundos dos camarotes. O silencio de ha pouco começa a tagarellar. O panno desce sobre um desastre. — Peters saca no quarto acto. A attenção volta n'um momento. Os criticos escutam. A grande actriz causa calafrios na sala. Successo em toda a linha. — Peters entra no quinto acto. Fiasco completo! (Entra Roberto.)

HENRIQUE.

Ahi está o Roberto.

CARLOS.

Donde vens?

ROBERTO.

D'almoçar em casa de Verdier que nos tinha convidado.

CARLOS.

Bravo!

ROBERTO.

Pois sim... um almoço d'alhos! perdiz trufada com alho... Nem sinto a lingua... Uma séde!... Tambem, bebemos-lhe...! — Por que não vem vós esta noite ao baile de B... Muito divertido! Perdi lá na ultima noite uns quinhentos francos. — De que estavam fallando?

HENRIQUE.

De Peters.

ROBERTO.

De Peters? Oh! com mil demonios!

ADOLPHO.

Não é verdade que é um jettator?

ROBERTO.

E de que força!... Tão jettator que os convido a todos para jantarem comigo na quarta-feira, e já tenho a certeza que n'esse dia só hei de fumar maus charutos, encontrar credores, assistir á noite a um mau espectáculo, ceiar ao lado de ingolezes, e embriagar-me á segunda garrafa de champagne!... Quem é que se lembrou de fallar em Peters? Por acaso virá-aqui? O que é que elle quer? Mas é perigoso, é doentio, palayra d'honra que é doentio! fallar n'esse homem!

ADOLPHO.

E este doido do Carlos que lhe quer encomendar o seu retrato.

ROBERTO.

Meu caro, esse homem faz-lhe o seu retrato. Perfeitamente. Mas lembre-se do que lhe vou dizer. Supponho que tem um tio de quem ha de herdar; o seu tio, dentro de seis mezes, casa com a cosinheira. Supponho que tem uma ligação qualquer; essa ligação tornar-se-ha uma cadeia. Supponho que tem um cão da Terra Nova, hão-de-lhe roubar; um irmão de leite, ha de ser condemnado ás galés; um cavallo, ha de partir uma perna; uma assignatura na Opera, hão de cantar a Sonambula em toda a estação; amigos, hão-de-lhe pedir dinheiro emprestado; cearas, hão de ser queimadas pela gada; botas de polimento, hão-de-se cortar; uma doença, ha de recomear; um medico, ha de dar cabo do senhor! — Meus amigos! A caixa de rapé de Peters é...

HENRIQUE.

Mas como é o vosso homem? Possue por acaso o olhar facial de Antony?...

CARLOS.

O ar de todos os traidores?...

ALBERTO.

Uma voz de caverna, uma guedelha preta e a sobranalha circumflexa!...

ADOLPHO.

Bem se vê que nunca estudaram o genero. O meu Peters nada tem de truculento. Não cheira a melodrama, palayra de gentilhomen! O meu jettator tem a linha d'um honesto burguez, movimentos placidos e quasi timidos, o physiognomia adocicada, a palayra melliflua, o gesto unctuosos: nada de grande manto! Tem uma sobrecasaca, e cabellos amarelllos, sim, meus amigos, sim, amarelllos, cabellos amarelllos. E depois os olhos redondos e salientes, olhos azues, olhos á flor do rosto, e como que rotando lentamente sobre um eixo. E por cima de tudo isto, o monstro é muito docil, obsequioso, agradável, vindo ao encontro das pessoas, para cumprimentar, para saudar. A voz é fraca, e no final de cada phrase solta um pequenino: hi! hi! — que é como um tic d'ironia. Encontra um sujeito; dá-lhe uma palmadinha na barriga; e diz-lhe: « O senhor nunca esteve doente? » E o sujeito vai para casa, e fica seis mezes de cama! Eu é que já não vou ao theatro sem figurinha de coral na algebeira...

ROBERTO.

E se soubessem como piata!... É um Rembrandt com pesadellos! D'elle só vi um quadro, nem jii sei onde foi. Representa uma janella da Escola de Medecina onde ha uma fileira de fetos. Um gato agarrára um, e foge, levando-o entre os dentes, como se fosse o bofe d'um peixe... E dizem-me que tem uma collecção de cabeças d'homens que foram guillotinizados... cousa admiravel! Conhecem Montgeron? Pois fallemlhe de Peters.

CARLOS.

E a esse, o que lhe fez?

ROBERTO.

O anno passado, no steeple-chase, Montgeron montava Trilby. Galganda a valia, Montgeron passa Emilias que era primeiro. Proximo da barreira Peters diz: « Muito bem salta este senhor Montgeron! » Trilby cae e rebenta; Montgeron quebra uma perna. O cavallo tinha-lhe custado 500 luizes!

CARLOS.

Começo a ter dó de Peters! Parece-me um bode expiatorio... Cae-se d'um cavallo, é culpa do Peters; uma peça cae, é Peters; chove, é Peters; está feio em Longchamps, é Peters; acham na cabeça cabellos brancos, é Peters; encontram o omnibuscheiro, é Peters; embriagam-se, é Peters; caem de cama, é Peters; o vosso tabellião mandavos uma carta de quatro paginas, é Peters; o vosso jornal começa a publicar uma serie de artigos sobre a producção agricola, é Peters!...

ALBERTO.

As bofetadas que se dão, os molhos que se azedam, os damascos que faltam, Voltaire que se reimprime, as batatas que estão com o mal, as baleias e as porcelanas de Saxes que se tornam raras, os homens de letras e os originaes de Raphael que se tornam muito numerosos, as geadas de março, os cachimbos que se entupem, as mulheres que choram, os vidros que se quebram, o sal que se entorna, os livros que se não vendem, as contas do boticario, Peters! Peters! Sempre o mau olhar de Peters! — Por um pouco que não affirmam que se tem havido barricadas, a culpa é tambem de Peters que olhou para as pedras da rua!

ROBERTO.

Um bom conselho. Não escreva nunca o nome Peters. Por que virá collocar-se todas as manhãs em frente da sua porta, e ha de encalor-lo quando sair, e ha de ver antes de quinze dias a bella chaminé que lhe cae em cima da cabeça. Espere por tudo, mesmo ser queimado vivo como mademoiselle B... a linda, a encantadora mademoiselle B... Peters sabe, tendo já dado uma lição de desenho a mademoiselle B... Mademoiselle B... aproxima-se da chaminé para acudir

o avental que estava sujo de carvão. Pega o fogo no avental; mas há tempo de se lançarem sobre a criança e de a rolarem no tapete. Peters ouvindo os gritos de mademoiselle B... tornea a subir; empurra a porta: a chamma, como se a tivessem regado com peixeiro, augmenta, desenvolve-se, corre; e mademoiselle B... morreu queimada sem lhe poderem prestar o menor soccorro!

ADOLPHO.

Finalmente, meus amigos, este maldito só uma vez na sua vida o chamaram para ser testemunha d'um duello: os dois adversários cabiram; ao mesmo tempo a fundo e ficaram ambos no campo!...

O GUSTO, entrando.

Está lá fora uma pessoa que lhe deseja falar.

CARLOS.

Pergunte-lhe como se chama.

CITADO.

O Sr. Peters.

KOMINHO.

O Sr. Peters!...

ALBERTO.

Aqui está o que é chegar a propósito.

ADOLPHO.

Meus amigos, se este patife entrou aqui dentro, amanhã diminuem os ordenados e o preço da colaboração; eu metto uma bala nos miolos por amor, e as pegs d'ouro da caixa transformam-se em folhas secas!

CARLOS.

Diga-lhe... hum... diga-lhe que não estou cá!

EDMOND E JULES DE CONCOURT.

THEATROS

VENDANGES SONT FAITES! Fecho já no dia primeiro um dos theatros de Paris. Acaba-se a campanha, findam as hostilidades! A Arte e a critica vão descansar enfim, vão ter os seus dois meses de férias; uma deu já o que podia, a outra colheu o que lhe convio. Está feita a vindima!

Paris é uma vinha enorme — hein? que bonita figura é que realista! — onde o numero de cepas é contado pelo das suas casas d'espectaculo, onde cada director de theatro é um vinicultor, cada actor uma vide, cada artista um bago de cacho, cada pega um cacho inteiro, cada critico um filador... Como todas as vinhas de bem, tem um guarda — a Associação dos auctores dramaticos; como todas as vinhas da moda, um *phyllotaxer* — os theatros estrangeiros!

É curiosa a transformação da rasteira planta em licor preciosissimo; é mais curiosa ainda a metamorphose d'um embrião de drama em successo immortal.

Vejam os: tenho aqui um livro de receitas caseiras. A uva corta-se, piza-se, guarda-se, falfifica-se e bebe-se; o drama, representa-se, critica-se, glorifica-se, traduz-se e conhece-se.

O vinicultor, coltado, curvado sobre o bacello, com os cabellos no chão e o suor nos cabellos, emprega quotidianamente excessos de vida e de boa vontade em cultivar o vinho que engrafará e enroulará cuidadosamente se é bom, e que deixará comer com a enxurrada se o trahiu e não prestou. Quanto trabalho, quanta vigília, quanto esforço para affastar cada bago dos seus cachos do *phyllotaxer*, e cada garrafa do seu vinho do *baptismo*! De que sacrificios não será capaz para tornar illece a planta que viu nascer, com que viveu, que crebrou, que lhe ha-de dar nome?

E o dramaturgo?

Com que enthusiasmo, com que febre, com que lagrimas mesmo, pensa, desenha, movimenta uma obra que lhe trará cabellos brancos e o esquecimento se o enganou — e que lhe dará a gloria, se um dia

merecer a honra de subir a uma pratelleta com o rosillo de:

HERNANI
IMMORTAL.

como um bom garrafa de vinho velho que marque:

POITTO
1791

O Vinicultor e o Dramaturgo nasceram decididamente para se encontrar n'este valle de lagrimas! Parece uma utopia; é um facto. Vejam-nos, ambos acariciando a sua obra, ambos inoculando-lhe a sua seiva, ambos glorificando-se com ella, ambos livrando do mal, ambos ambicionando... prateleira! Para um e outro são communs os cuidados, são communs as sensações e são communs o *phyllotaxer* e a *futrica*. Perguntem á Viuva Clicquot o que mais tem? Elle responderá — a *futrica*. Perguntem á Obinet que lhes nomeie o seu maior pesadelo? Responder-lhes-ão o *phyllotaxer*.

Invertam ainda em perguntas as respostas e verão que em ambos, em Roederer e em Dumas, só ha uma voz unisona que diz: — Sim, rezeamos o *phyllotaxer* e a *futrica*. A *futrica*, sem, a *futrica* representada para os cultores de Baccho, no taverneiro barato e sem escrúpulo e para os cultores de Thalia (como diz qualquer curioso-dramaticissimo traductor inepto e sem vergonha! Ambos a odeiam, a *futrica*, e ambos tem razão; a uns apodrece-lhes o vinho que regaram com o seu suor e desprezam-lhes o nome para o substituir com um postigo; a outros, adultera-lhes a concepção que é entranha das suas entranhas e escarnece-lhes o nome sobrepondo-o ao emburglio que resulta sempre de tal operação! Uns ao menos, ficam esquecidos, mas puros, outros, os outros coltados, serão conhecidos mas nunca comprehendidos!

A colheita porém não foi grande e eu vejo este anno uma pessima estagim para o commercio mesquinho dos vendedores a miúdo!

Saímos da vinha, entremos no theatro.

Paris este anno só teve no theatro dois verdadeiros successos: *Ma Camarade no Palais-Royal*, *Maitre de Fuegos no Gymnase*. Pegs levadas á centena como *Roi de Carreau*, *Oiseau bleu*, *Pot-Bouille* tiveram apenas (ainda que talvez immercidentalmente com respeito a algumas d'ellas) um êxito de novidade. Uma ha e que merece menção particular que chamou a attenção e o aprego geral, mas que não recebeu nunca a sanção de *grande successo*; essa foi Severo Torelli que represente entretanto um dos documentos á proposta de immortal feita pelo proprio auctor, François Coppée! N'estas condições e theatro francez, a grande fonte de todos os outros theatros, não pode este anno abastecer os porque elle proprio só se sustentou de pegs extrahidas de romances como um dos successos apontados mesmo o demonstra.

A extracção, em França é o paralelo da traducção em Portugal e no Brazil.

Aqui se não ha pegs originaes extrahem-se dos romances, entre nós se as não ha traduzem-se as estrangeiras.

Existe, é inagavel, entre os vassallos dos dois Braganças, muito e muito traductor digno das obras que traduzem e mesmo muitas vezes egues e superiores a ellas, mas eu prefiro sempre e creio que com alguns fundos de resão, os dramas extrahidos pelos proprios auctores do que por *arranjadores* que os desconhecem. O auctor faz a obra da sua obra e não a de um outro.

Uma coisa, entretanto, me faz desejar um pouco ou mesmo muito a esterilidade dos dramaturgos francezes — que a França me perdoe — uma coisa e bem importante — o renascimento da litteratura dramatica portugueza. Esse renascimento tão auspicioso como nolo mostram *Al Moira*, *As Nadasoras* e *Al Fidr dos Trigueiros*, devemos-o incontestavelmente á França.

Foi tardio este movimento, mas tinha de ser fatal.

A Comedie, que é a primeira a contribuir para o repertorio do nosso primitivo theatro, não apresenta produção alguma nova; o theatro francez está decadente, como elles proprios o declaram bem alto: o ocean *ignifit et fœcond en naufrages*, do theatro parisiense (como diz Lavallée) creosce e parece pro-

metter submergill-o. Dumas, desgostoso com a queda da *Princesa de Bagdad*, não escreve mais, ao que elle diz; Sardou, alcutinhado do plagiatismo em todas as pegs que produz, retirou-se ao seu *château* de Marly-lez-Paris e trata apenas da sua saúde, do gozo dos seus bons rendimentos, e de desmentir um ou outro annuncio de nova pega sua: as pegs são successivas; os jornaes desesperam e veem depois de *Mauclair* cahido, seguir-se-lhes *Smile*; os criticos gritam; os theatros sem pegs fazem *reprises* infructuosas ou cortam em 5 pedaços os romances de mais vago e representam-os, tendo como resultado novos insuccessos que vão juntar-se aos anteriores; um tumulto effim de que não sei como se sahira o theatro francez e muito menos o nosso, com o systema que até hoje tem seguido de *pega emprestado*!

Havia pois, um unico recurso o original; e foi então que se passou ao original!

Ora graças a Deus!

Note-se que eu não digo que uma pega é mais unica e exclusivamente porque é franceza; isso era uma heresia. O que digo é o que desejo accentuar bem é que admitto mais depressa um mau original do que uma boa traducção de uma má pega estrangeira. Uma pega franceza não prejudica o nosso publico quando vasada em bons moldes e quando seja uma obra de arte ou de litteratura. Scribe, Dumas e Augier não deshonram paleo algum do mundo; mas *dramas* d'ellescriptos sobre o joelho e a que poderíamos chamar de *bonheur*, é que elle e a critica (se existisse) não deviam admitir! É muito mais inextinguivel que para elles, deveria ser ahiu para com a adulteração das pegs estrangeiras de que muitas vezes se desconhece o proprio nome do auctor.

Senão a boa vontade ao menos que o brio nos obrigue a repellir comprobos evidentes, as vigorosas diatribes que todos os dias a imprensa franceza nos dirige envolvendo-nos no epitheto de ladrões e de piratas com que brinda todos os traductores estrangeiros. São esses ladrões, (como dizem os francezes) que furticam o drama sem escrúpulo — como o taverneiro furtica o bom vinho.

Que a quinzena proxima traga assumpto menos lastimoso. Este, não é brinadeira, faz chorar muito!

J. M.

MEMOIRE. — Alexandre Parodi, auctor da *Rome vaincue*, publicou a sua nova tragedia em verso *La jeunesse de François I* pega que em tempos fora acoute par Sarah e Dailin e que a Comedie hoje recebeu por unanimidade. O poeta dedicou-a a V. Hugo de quem recebeu a seguinte carta:

Al monsier Alex. Parodi. C'est une maîtresse œuvre que vous m'envoyez... Donnem-moi la joie de servir la main qui a écrit ces belles et nobles pages.

VICTOR HUGO.

A recusa da tragedia representa um successo para o livro! — Os Goncourt apparecerão novamente á luz da lampada. O Odcon tenciona montar o seu *Henriette Maurel* cahido rudemente em 1895. — M. Dion-Boucicaut, dramaturgo inglez, está acabando uma obra curiosissima que intitula: *Mei lides sur les auteurs de mon temps*. Senão for extremamente sensato e justo M. Dion provirá mais uma vez que não ha pelares inimigos que os officios do mesmo officio. Já no tempo de Voltaire essa maxima era um axioma! — *Rip-Rip* é o nome do operetta de R. Planquette que vai ser representada no *Folies-Dramatiques* e que se estreou com grande exito em Londres sob o nome de *Rip-Van-Winkle*. Os francezes esperam que accandente esta expatriada. — Beethoven, Schubert, Gluck e Haydn vão ser reunidos n'um só jaialgo no cemiterio central de Vienna. — Morreu Michel Costa que foi regente da orchestra do *Convent Gardin* e auctor das operas *Malvina* e *Alm D. Carlos*. A primeira cahiu em Paris sob o nome de *Malak-Malak*, a segunda passou sem grande exito. Que as operas lhe sejam leves! — Falleceu M^{re} Scribe, viuva do celebre dramaturgo francez, deixando um importante legado á Sociedade dos auctores e compositores dramaticos. — Está viuva tambem Mrs Judith, a celebre actriz do *Variete*. — As pegs novas que vão entrar em scena nos theatros de Paris são as seguintes: Comedie — *Autre temps*, *Deputado de Benibryac* — *Saint-Martin*, *Macbeth* — *Odcon*, *Arlequin*, *Arlequin* (pega consagrada sob o titulo de *Leuc 18*) — *Gato*, *Feit Poucet* (magica) — *Vauzeville*, *Arlequin* — *Bolles*, *Rip-Rip* e *La belle Bourgeoise*. Os outros theatros vão fazer *reprises* de *Dras Debris*, *Sobier*, *Chateaux de paille d'Italie*, e *Bela*.

L'Impremeur Gépau: E. Mouton.

PARIS. — 1895. 12-10. 12-10. 12-10. 12-10.



O SIMBOL

A ILUSTRACÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR : MARIANO PINA

AGENTE NO BRAZIL

GAZETA DE NOTÍCIAS. — Rua do Ouvidor, 70. — RIO DE JANEIRO

AGENTE EM PORTUGAL

DAVID CORAZZI. — Rua da Atalaya, 42. — LISBOA

EDIÇÃO PARA PORTUGAL

PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno	4.000
Semestre	1.200
Trimestre	600
Avulso	100

EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno (Corte)	12.000
Semestre (»)	6.000
Anno (provincias)	14.000
Avulso	500

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAMENTE

Escritorio em Paris : 7, rue de Parme.